

AS RELAÇÕES JUDAICO-CATÓLICAS EM SÃO PAULO - BRASIL. UM TESTEMUNHO¹

Dom Cláudio Cardeal Hummes²

RESUMO

Ao ser nomeado Arcebispo de São Paulo, em 1998, tive a felicidade de encontrar em São Paulo o Rabino Henry I. Sobel, da CIP (Congregação Israelita Paulista), Rabino presidente do Rabinato, que eu já conhecia pessoalmente. A partir de então, passamos a nos apoiar mutuamente de modo crescente e assim colaboramos para aprofundar as boas relações entre a comunidade católica e a comunidade judaica em São Paulo. Isso tem uma importância especial no Brasil, porque São Paulo é a maior e a mais importante cidade brasileira, uma megalópole de aproximadamente 18 milhões de habitantes, certamente o quarto maior aglomerado urbano do nosso planeta.

Palavras-Chave: Relações, Diálogo, Comunidade, Igreja, Judaica

ABSTRACT

When I was appointed Archbishop of São Paulo in 1998, I had the fortune of meeting the Rabbi Henry I. Sobel from CIP (Congregação Israelita Paulista), president of the "Rabinato", and whom I already had met personally.

¹ Pronunciamento feito no Encontro Internacional Judaico-Católico, promovido pelo World Jewish Congress, em New York, dias 28 de fevereiro e 1º. de março de 2005

² Arcebispo de São Paulo

Since then, we started to support each other in a increasing manner and, in this way, we act jointly to the deepening of the relationship between the Catholic and the Jewish communities in São Paulo. This has a special importance in Brazil, as São Paulo is the biggest and most important Brazilian city, a megalopolis of approximately 18 million inhabitants, certainly the forth major urban agglomerate of our planet.

Key Words: Relationship, Dialogue, Community, Church, Jewish

INTRODUÇÃO

O diálogo católico/judaico já tem história bastante longa na Arquidiocese de São Paulo. O meu antecessor, o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, sempre incentivou este diálogo e o promoveu. Houve um momento emblemático deste relacionamento por ocasião do assassinato de um jornalista judeu, Vladimir Herzog, morto no cárcere pelas forças de repressão no tempo do regime militar, em 1974. O Cardeal Arns, então arcebispo de São Paulo, juntamente com o Rabino I. Sobel e o pastor presbiteriano Jaime Wright, apesar de toda a pressão do regime militar contrária a qualquer manifestação deste tipo, celebraram um ato religioso em conjunto na Catedral católica de São Paulo, como denúncia pública e protesto contra o assassinato e em memória do jornalista morto. Esse ato reuniu uma multidão imensa de gente e repercutiu em todo o Brasil e no exterior. Este ato tornou também mais forte a relação entre a comunidade judaica e a Igreja católica em São Paulo.

Desde que fui nomeado sucessor do Cardeal Arns, em 1998, procurei cultivar esta relação amiga e fraterna com a comunidade judaica, em especial mediante o bom relacionamento com o Rabino Sobel. Entre outras muitas iniciativas e manifestações públicas desta boa relação de diálogo e colaboração, cito apenas dois eventos. Um foi por ocasião da guerra no Afeganistão, em represália ao terrorismo, que fizera o atentado ao World Trade Center de Nova York. Desse ato hediondo surgiu, em algumas partes do mundo uma atitude de hostilidade contra pessoas islâmicas. Então, por iniciativa do Rabino Sobel e a convite dele, realizamos um “Triálogo pela Paz”, numa sessão pública, aberta à imprensa e com bastante gente reunida. Deste triálogo participaram, como respectivos representantes das três religiões interessadas, o Rabino Henri I. Sobel, o Sheik islâmico Muhamad Ragip e

eu. Isto contribuiu muito para manifestar ao povo que em São Paulo estas três religiões querem viver em paz, em tolerância mútua e em colaboração a serviço do povo.

Outro momento importante, que ajudou a diminuir tensões, foi por ocasião do lançamento do filme de Mel Gibson, “A Paixão de Cristo”. Diante da manifestação da comunidade judaica de que o filme continha estímulos de anti-semitismo, publiquei um artigo num dos jornais mais importantes de São Paulo, em que retomei o ensinamento do documento “Nostra Aetate”, do Concílio Vaticano II, que rejeita a tese de que o povo judeu como um todo, da época de Jesus e muito menos ainda da nossa época, possa ser responsabilizado pela morte de Jesus. O artigo foi bem recebido pela comunidade judaica.

Essa nossa boa relação tem o respaldo da Comissão Nacional de Diálogo Judaico/Católico, bem como da comissão equivalente em âmbito da Arquidiocese de São Paulo. Nestes anos todos de sua existência, estas comissões estudaram temas importantes e amplos como, por exemplo, “Os Filhos de Abraão: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo”, “Raízes Judaicas do Cristianismo”, “Formação para o Diálogo Judaísmo/Cristianismo”, “Tolerância e Paz”, “Relações Católico/Judaicas”, “Judaísmo e Cristianismo: da separação ao diálogo”, “Midrash: leitura sinagoga das Escrituras”, “Shabbat: aliança eterna entre Deus e seu povo” e muitos outros temas.

Neste relacionamento amigo e fraterno entre judeus e católicos e entre seus respectivos líderes, oriento-me sempre pelos critérios que o documento “Nostra Aetate” (1965), do Concílio Vaticano II, no seu parágrafo 4, propõe:

1. Este documento reconhece “o vínculo pelo qual o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à estirpe de Abraão”; diz que a Igreja de Cristo “não pode esquecer que por meio daquele povo, com o qual em sua indizível misericórdia Deus se dignou estabelecer a Antiga Aliança, ela recebeu a Revelação do Antigo Testamento e se alimenta pela raiz de boa oliveira, na qual como ramos foram enxertados os povos”.

2. Retoma e professa o que o apóstolo Paulo diz na sua Carta aos Romanos: “Quisera eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, em favor de meus irmãos, de meus parentes segundo a carne, que são os israelitas, aos quais pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas, aos quais pertencem os patriarcas, e dos quais descende Cristo (Jesus), segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito

pelos séculos”(Rom 9,3-5). O documento conciliar acrescenta que, além de Jesus e sua mãe, Maria, também são judeus os apóstolos e os primeiros discípulos cristãos. A respeito da Eleição do povo judeu, Paulo ainda diz que esta Eleição perdura: “Deus não repudiou seu povo que de antemão conhecera”(Rom 11,2); ao contrário, “quanto à Eleição, eles (os judeus) são amados, por causa de seus pais. Porque os dons e o chamamento de Deus são sem arrependimento” (Rom 11,28-29).

3. O documento afirma com vigor e clareza que “aquilo que se perpetró na Paixão (a morte de Jesus) não pode indistintamente ser imputado a todos os judeus que então viviam, nem aos de hoje”. Acrescenta o documento que “Cristo sofreu voluntariamente por causa dos pecados de todos os homens e por imenso amor se sujeitou à morte”. Portanto, deve-se ter muito cuidado tanto na catequese, como na pregação, para que não se ensine o que não se coaduna com a verdade que está nos Evangelhos e que possa estimular o anti-semitismo.

4. O documento reprová vigorosamente toda forma de anti-semitismo.

São estes os critérios que nos orientam nas relações judaico-católicas.

Quanto aos temas deste Encontro Internacional, dou apenas esta pequenina contribuição, a saber, uma breve referência ao tema da auto-revelação de Deus ao homem e outra ao tema da santidade de Deus.

1. A REVELAÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA

Deus, ao revelar-se ao homem, não lhe manda um texto já escrito nem um anjo para ditar um escrito, mas Ele mesmo entra na história humana e decide, desde o início de seu ato de auto-revelação, aproximar-se do homem. É um gesto de imenso amor pelo ser humano, que Ele criou à sua imagem e semelhança, para que o homem vivesse em comunhão de amor com Ele. Não é o homem que busca a Deus e consegue dele se aproximar para conhecê-lo, mas, ao contrário, é Deus que toma a iniciativa e vem a nós. E para aproximar-se de nós, entra na história humana.

Na Bíblia, a revelação aparece como intervenção gratuita e livre com a qual Deus dá a conhecer a si mesmo e seu projeto de salvação. Esse Deus é um Deus santo e escondido, que, porém, se revela progressivamente

no âmbito da história e em relação com os acontecimentos da história, autenticamente interpretados pela palavra do Senhor, dirigida aos profetas em diversos modos de comunicação. O projeto de salvação, que Deus revela, é o projeto da aliança com Israel e, em Israel, com todas as nações, a fim de realizar, na pessoa de seu Ungido ou Messias, a promessa outrora feita a Abraão de abençoar em sua descendência todas as nações da terra.. Esta ação é entendida como palavra de Deus, que convida o homem à fé e à obediência: uma palavra essencialmente dinâmica que opera a salvação ao mesmo tempo em que a anuncia e a promete³.

De fato, Deus se revela quando entra na história do povo hebreu e o liberta da escravidão do Egito. Depois acompanha este povo em todo o êxodo rumo à Terra Prometida. Continua presente em toda a história de Israel e, segundo nós cristãos, o ponto culminante dessa sua entrada auto-reveladora na história humana é quando seu Filho se faz homem, Jesus Cristo.

A revelação de Deus se dá no contexto da história, ainda que sempre a ultrapasse. Deus se faz próximo do seu povo, mostra-lhe seu amor e sua eleição, produz fatos e acontecimentos, fala no contexto destes acontecimentos. Esta ação de Deus na história é interpretada pelos profetas. Por esta razão, o teólogo católico Bruno Forte escreve: “Não é dado outro lugar a partir do qual se possa falar menos infielmente do mistério divino do que a história da revelação, os acontecimentos e as palavras intimamente conexos, através dos quais Deus narrou na nossa história a sua”⁴.

2. A SANTIDADE DE DEUS

Não obstante a proximidade de Deus junto aos homens e sua ação na história, a Bíblia sublinha fortemente a santidade de Deus. Deus é santo no sentido de ser o totalmente diferente e distinto das criaturas, o Senhor todo-poderoso, cuja absoluta e imensa majestade é incriada e inacessível. Ele vive numa luz inacessível. Deus é para o homem ao mesmo tempo fundamento e abismo. Proximidade e o totalmente Outro. Deus escondido

³ R.LATOURELLE, *Revelação*, in: *Dicionário de Teologia Fundamental*, dir. René Latourelle e Rino Fisichella, trad.port. Ed.Santuário, 1994, p.821-22

⁴ FORTE, BRUNO. *Trinità come storia*, 1985, Torino, p.18

e Deus revelado. Desse modo, Deus se manifesta como o absoluto e o sagrado que, contudo, invade o mundo da relatividade e da profanidade, como fundamento do ser e do sentido último da realidade⁵. Deus é santo e, mesmo assim, age na história.

Efetivamente, nas Escrituras Sagradas, no Antigo Testamento, Deus se revela como absolutamente santo. O próprio conceito de “santo” caracteriza-se pela sua vinculação com Deus. Só Deus é santo. Ele é santo por seu próprio ser. Em comparação com Ele, tudo o mais é absolutamente não-santo. Só Ele pode santificar o que não é santo.

Mostra-se assim que a santidade inclui também uma dimensão moral, quando é realçado seu contraste com a não-santidade e a pecaminosidade do homem. Vê-se isto fortemente nos profetas, que lembram ao povo sua necessária fidelidade à Aliança. Deus está tão longe e acima de tudo que é pecaminoso, que abomina o pecado (Hab 1,13). Assim, a santidade de Deus torna-se modelo para a santidade do homem: “Sereis santos porque Eu sou santo”(Lev 11,45). O povo eleito é obrigado à santidade moral porque está intimamente ligado a Deus pela Aliança. Deve observar as prescrições morais da Aliança, mas quando peca pode ser perdoado e restabelecido na santidade pelo perdão misericordioso de Deus (Is 41-14).

CONCLUSÃO

Quero concluir a minha modesta colaboração a este encontro de diálogo judaico-católico, convencido de que o diálogo é um caminho necessário que Deus nos oferece hoje. Nesse caminho só Deus nos pode guiar e só Ele sabe até onde vai. Este caminho deve necessariamente incluir a rejeição vigorosa de todo tipo de anti-semitismo, o respeito efetivo mútuo, a tolerância e a reconciliação fraterna entre judeus e cristãos, a paz e um serviço conjunto de judeus e cristãos ao bem comum da humanidade.

Cardeal Dom Cláudio Hummes
Arcebispo de São Paulo

⁵ F.- A. PASTOR, Deus, in: *Dicionário de Teologia Fundamental*, dir. René Latourelle e Rino Fisichella, trad.port. Ed.Santuário, 1994, p.215

BIBLIOGRAFIA

Dicionário de Teologia Fundamental, dir. René Latourelle e Rino Fisichella, trad.port. Ed.Santuário, 1994

FORTE, BRUNO. *Trinità come storia*, 1985, Torino